

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL VAI À RUA – O LUGAR E O ENTORNO ESCOLAR NO ENSINO

Relato de Experiência

Maxwell Luiz da Ponte¹

Joseli Maria Piranha²

Resumo

O Ensino no contexto da Educação Ambiental formal pode ser demasiado teórico, generalizador e estanque. A presença humana na Terra urge, e conservá-la só será possível alcançando uma cultura de sustentabilidade. Neste sentido, o estudo do espaço escolar e do seu entorno permitem inovar práticas em AESA, que favorecem tal cultura, uma vez que preconiza o entendimento dos fenômenos naturais e culturais nos lugares de vivência das comunidades escolares, levando à mudança de valores e ao desenvolvimento de atitudes sustentáveis.

Palavras Chave: AMBIENTE; AESA; ESPAÇO-LUGAR.

INTRODUÇÃO

Embora a Educação Ambiental seja entendida como um componente essencial e permanente da educação nacional, as ações educativas formais têm se mostrado pouco efetivas. O Ensino, nomeadamente da questão ambiental, resta trancafiado dentro dos muros das escolas, as quais são, não apenas literalmente, cercadas e fechadas à comunidade (GRUENEWALD, 2015).

Ignora-se o contexto local em detrimento de catástrofes globais, se fragmenta o conhecimento entre as disciplinas, enquanto se lhe reduz a enunciados e textos de apoio dos livros e/ou cartilhas. Em consequência, os estudantes, confusos e distanciados dos processos e do ambiente, se tornam desmotivados por não perceberem a importância dos conteúdos ensinados.

¹Mestrando EHCT, IGe/UNICAMP

²Prof^aDr^aIBILCE/UNESP

Neste sentido, são valiosas as contribuições de Edgar Morin sobre a formação crítica dos alunos, pautadas em valores de solidariedade que visem a Cidadania Terrena (MORIN, 2001). Para uma aprendizagem significativa, segundo o autor, os aprendizes precisam ser convidados a refletir sobre o modo como interagem com o meio em que vivem e ao qual pertencem.

Quando os alunos interagem com os lugares à sua volta, eles se relacionam com o mundo – a natureza, seus processos e suas transformações. Desse modo, os lugares passam a ser fundamentalmente pedagógicos, porque são contextos de percepção humana: os diferentes lugares que conhecemos e a forma como nos relacionamos com eles mudam o nosso conhecimento de mundo (MARANDOLA JR, 2012).

Assim, ao mesmo tempo em que a análise do lugar abre a perspectiva para se pensar o viver e o habitar, o uso e o consumo, os processos de apropriação do espaço (CARLOS, 2007), os trabalhos em AESA propiciam a percepção do contexto para além da sala de aula. De outro modo, ampliam nossa experiência como seres humanos, pois, ao aprender sobre os lugares e ambientes além da sala de aula e se envolver com o contexto e a história locais, o aluno valoriza o processo de aprendizagem e pode desenvolver atitudes voltadas ao bem da coletividade (GRUENEWALD, 2015).

A utilização de ambientes exteriores à sala de aula, “promove a aquisição de uma perspectiva integradora de saberes, os quais ajudam a uma atitude com marcado sentido ético e com responsabilização social assumida, para com o ambiente” (MARQUES, PRAIA, 2009).

Não obstante tais potencialidades percebe-se uma pequena utilização de AESA na educação básica, no Brasil.

OBJETIVO

Neste trabalho buscou-se reconhecer contributos possíveis do estudo dos espaços escolares e de seu entorno, mediante a realização de atividades em AESA, nomeadamente ao Ensino de Educação Ambiental.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência realizada no âmbito de uma investigação-ação envolvendo trabalhos em AESA, voltados à Educação Ambiental. Na investigação, realizada junto a turmas de 6º ano de uma unidade escolar da Rede Estadual de Ensino no município de São José do Rio Preto – SP, pode-se avaliar significados da (re)leitura da realidade escolar e do seu entorno, possibilitada pelos estudos em AESA.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Um dos principais resultados obtidos ao analisar a perspectiva da realidade escolar e do seu entorno, promovida pelos estudos em AESA, foi o entendimento de que a sala de aula, tal como se apresenta, não constitui lugar ideal de aprendizagem significativa. De modo geral, nela confluem sentimentos negativos que influenciam na relação entre alunos-professores-conhecimento, levando a um desestímulo generalizado. Ademais a configuração do espaço escolar - repleto de grades, trancas, corredores sombrios e construções em forma de pavilhões -, assemelha a escola a presídios ou locais de confinamento. Naturalmente o estudante se sente coagido, limitado e apartado da realidade ambiental que ele integra e constitui, se revelando desinteressado para com o processo educacional e, não raro, agressivo e revoltado com as pessoas e condições que ele vivencia nesses ambientes.

Em uma das atividades em AESA, realizada junto à drenagem que existe nas imediações da Escola, se pôde observar a importância da leitura do lugar para uma efetiva ação educativa em Educação Ambiental. Naquela oportunidade, a observação do contexto do bairro onde a escola está inserida possibilitou (re)conhecer problemas socioambientais locais, cuja percepção foi favorecida pela observação *in situ* do ambiente e de sua ocupação histórica e atual.

Desde a elaboração do roteiro e também durante o seu percurso com os alunos se buscou despertar a sua percepção relativamente ao meio onde vivem. Promoveu-se a observação atenta do local e de seus constituintes, bem como das interações que nele se processam. Embora residam ali, muitos estudantes se manifestaram surpresos por nunca terem percebido com acuidade os locais percorridos.

Abordagens reflexivas cuidaram por relacionar conteúdos curriculares de diferentes disciplinas em pauta, convidando os alunos a (re)conhecer a inserção daqueles conhecimentos na sua realidade cotidiana. Pôde-se verificar destacada atenção com que os alunos vivenciaram os trabalhos de aprendizagem em campo. As atividades permitiram resgatar interesse e motivação para com a aprendizagem dos alunos, constituindo-se estímulos para o empenhamento evidenciado.

Observou-se, assim, melhorias não só na aprendizagem, mas, também, no comportamento e atitude dos estudantes. A avaliação de professores, estagiários e pesquisadores foi consensual quanto à mudança de postura dos estudantes, que surpreenderam pelo engajamento, apropriação dos conteúdos e desenvolvimento de senso crítico perante a realidade observada, evidenciando o incremento de sua capacidade de percepção do meio e, sobretudo, de sua presença no mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se pelos resultados revelados, os trabalhos em AESA constituem aliados valiosos para Educação Ambiental pertinente, pois, permitem inovar práticas educativas voltadas ao (re)conhecimento do ambiente e ao despertar do sentimento de pertença nos aprendizes.

Favorecendo um ensino polidisciplinar e contextualizado, contribuem para a aprendizagem ao mesmo tempo em que desenvolvem uma percepção crítica e de postura proativa (autocrítica), dos estudantes e professores, frente às questões ambientais e sociais que esses vivenciam no cotidiano.

Na experiência em questão os estudos, em AESA, oportuniza que os aprendizes reconheçam protagonistas em face de problemas socioambientais locais. Tal reconhecimento constitui, em nosso entendimento, o primeiro passo – a percepção – necessário para o equacionamento e a composição de solução dos referidos problemas.

Desse modo, entende-se que os trabalhos em AESA possibilitem uma necessária reformulação de práticas que permeiam a realidade do ensino na educação básica,

especialmente de Educação Ambiental, favorecendo que os aprendizes possam refletir sobre o seu lugar na sociedade e no planeta.

REFERÊNCIAS

CARLOS, A.F.A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

GRUENEWALD, D.A. Foundations of Place: Multidisciplinary Framework for Place-conscious Education. **AmEduc Res J.**, v. 40, n. 3, p. 619–654, 2003.

MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar?: Geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MARQUES, L.; PRAIA, J. Educação em Ciência: actividades exteriores à sala de aula. **TerræDidática**, v 5, n. 1, p. 10 - 26, 2009.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro**. 4.ed. Brasília: Unesco, 2001.